

# Crise atinge os mais ricos

A crise econômica mundial atingiu no Brasil mais as classes A e B. De setembro a dezembro, auge da turbulência financeira, essas classes caíram 0,65%, segundo levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que divulgou ontem o estudo "Crônicas de uma crise anunciada: choques externos e a nova classe média".

As classes A e B, que representavam 15,43% da população em setembro, passaram a somar 15,33% das famílias em

dezembro. "A queda não é tão grande, mas é um indício significativo, se levar em consideração que a classe alta vinha crescendo nos últimos anos", afirma o professor Marcelo Neri, coordenador da pesquisa e do Centro de Políticas Sociais da FGV. Só para ter uma ideia, em 2007 o número de pessoas que entrou para as classes A e B subiu 4%.

O estudo mostrou que em dezembro de 2008 a classe média (classe C) passou a representar 53,8% da popula-

ção brasileira, sendo que em 2003 essa parcela da população era 43% do total. Essa classe é representada, segundo o levantamento, por famílias com renda entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807.

A cabeleireira Carolina Baeta divide o tempo entre o seu salão de beleza e a empresa onde trabalha como secretária. Com duas fontes de renda, ela ainda não sentiu os impactos da crise econômica mundial no orçamento doméstico. Nos últimos sete

meses os planos da vendedora de biscoitos e doces Eliana Barbosa não sofreram os impactos da tormenta mundial. Ela conseguiu seu primeiro emprego com carteira assinada, e agora somando seu salário ao do marido, a renda da família atingiu R\$ 1,5 mil. Neste período, Eliana também se casou e está esperando para julho a chegada do primeiro filho. "A crise não me preocupa muito, mas tenho medo de perder o emprego", diz. (GC e MC)